



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social

**Sub-eixo: Ética, Direitos Humanos e enfrentamento das expressões
cotidianas da alienação e da barbárie**

PROIBICIONISMO, MULHERES E REPRODUÇÃO SOCIAL DA VIDA NO TERRENO OCULTO DO CAPITAL NO BRASIL E NA COLÔMBIA

AILA FERNANDA DOS SANTOS¹

RESUMO

Este artigo apresenta debates preliminares de uma tese de doutorado. Dividido em duas partes interconectadas, aborda o mercado ilegal como um espaço superexploração bélica da força de trabalho frente as necessidades de reprodução social da vida de mulheres entrevistadas no Brasil e na Colômbia. A segunda parte discute o trabalho reprodutivo nesse mercado com base na Teoria da Reprodução Social.

Palavras-Chaves: mercado ilegal, reprodução social, mulheres.

RESUMEN

Este artículo presenta las discusiones preliminares de una tesis doctoral. Dividido en dos partes interconectadas, aborda el mercado ilegal como espacio de sobreexplotación bélica de la fuerza de trabajo frente a las necesidades de reproducción social de la vida de las mujeres entrevistadas en Brasil y Colombia. La segunda parte analiza el trabajo reproductivo en este mercado a partir de la Teoría de la Reproducción Social.

Palabras clave: mercado ilegal, reproducción social, mujeres.

INTRODUÇÃO

O mercado ilegal das drogas, um subproduto da ideologia proibicionista é um espaço de *superexploração bélica da força de trabalho* que está atravessado pela manifestação desta ideologia pela guerra às drogas. Isso tem provocado uma série de consequências letais para a vida de determinados grupos sociais, sobretudo as pessoas negras, indígenas, *campesinas*²

¹ Universidade Federal do Maranhão

² Opto por manter o termo original no espanhol, campesino(a), visto que a tradução para português pode gerar comparações anacrônicas com relação às particularidades da Colômbia. A categoria campesina(o) está vinculada a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

e de determinados territórios afetados por essa guerra. Esse impacto decorre, sobretudo, pela inserção destes grupos no mercado ilegal (seja na produção, na circulação ou no consumo) para garantir suas condições de reprodução social da força de trabalho e atender suas necessidades sociais - seja do estômago ou da fantasia (Marx, 2015).

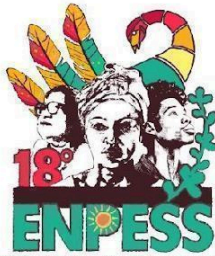
A relação mercado ilegal e venda da força de trabalho nos estudos críticos marxistas vem trabalhando as especificidades das intersecções entre gênero, raça e classe, sobretudo nos atravessamentos do proibicionismo às drogas (Passos, 2023; Duarte, 2023; Ferrugem, 2018; Brites, 2017). Entretanto, ainda não existem estudos que trabalhem a particularidade da reprodução social da força de trabalho a partir da lente da Teoria da Reprodução Social - a TRS. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo apresentar alguns *resultados preliminares de uma pesquisa de doutorado em andamento*³, considerando particularidades da reprodução social da força de trabalho das mulheres no mercado ilegal, observando as realidades do Brasil e da Colômbia pela lente da TRS.

Essa lente nos permite tomar como centralidade a reprodução social da força de trabalho como um processo integrado entre a produção-reprodução social (Battacharya, 2023), o legal-ilegal e a exploração-opressões, ressaltando que as opressões não são funcionais ao capitalismo, mas compõem e moldam a reprodução social do capital. Isso implica evidenciar a noção ampliada de classe trabalhadora que está do terreno da reprodução, como também, para além da esfera da legalidade, considerando a produção reprodução ilegal e os processos e posições diferenciadas vividas no terreno oculto do capital - o mercado ilegal.

Para fins de exposição, este artigo se divide em duas partes que estão interconectadas. A primeira diz respeito à reprodução social da vida no terreno oculto do capital - o mercado ilegal. A partir das vozes das mulheres entrevistadas no Brasil e na Colômbia busca-se revelar a totalidade social da reprodução ampliada do capital que se utiliza do exército industrial de

aspectos sociais, culturais, históricos e políticos dessa comunidade na relação com o uso tradicional da terra. Nesse sentido, amplia-se a compreensão de que nem toda(o) camponesa(o) vive em zona rural, visto o histórico de expropriações e *desplazamientos forzados* em decorrência do conflito armado.

³ Este artigo é parte de uma tese de doutorado em fase de finalização. Considerando o espaço reduzido deste artigo, é importante mencionar que a pesquisa é de caráter qualitativo e foi realizada com uso de diário de campo, observação participantes e entrevistas semi-estruturadas com mulheres negras, *campesinas* e indígenas que são lideranças políticas e comunitárias, onde sua militância esteja relacionada com os atravessamentos do proibicionismo às drogas no Brasil e na Colômbia. Os resultados foram organizados considerando a inserção do Brasil na esfera da circulação e do consumo e na Colômbia a esfera da produção na divisão internacional do mercado ilegal. Ressalta-se também que para a seleção das entrevistadas se utilizou o método Bola de Neve e as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas, sendo que os nomes apresentados neste artigo são nomes fictícios, preservando a confidencialidade dos dados. Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética nº58067922.9.0000.5512 e parecer nº 5.501.946 e realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

reserva, ou seja, das frações mais velipendiadas da classe trabalhadora que, sem meios de reproduzir sua própria existência, vendem sua força de trabalho no mercado ilegal, que maneja a superexploração por meio da violência, da coerção, colocando em risco à própria vida e forjando uma reprodução social diferenciada a depender da classe, raça/etnia, gênero e território. Já a segunda parte se apresenta um debate sobre o trabalho reprodutivo no mercado ilegal como a reposição geracional, regeneração e manutenção da força de trabalho (Bhattacharya, 2023). Assim, com a lente da TRS, busco ampliar o debate da reprodução social da força de trabalho para além da unidade doméstica, mas também na sua relação com o Estado e os processos diferenciados de reprodução social no mercado ilegal.

1- “Não nos resta outra opção” - Reprodução social da vida no terreno oculto do capital

É preciso evidenciar que o mercado ilegal - um subproduto da ideologia proibicionista - não é um paralelo da economia capitalista dita como legal, são economias que não estão apenas relacionadas ou imbricadas, mas fazem parte da totalidade de uma mesma estrutura social, econômica, cultural e social - vide o modo de produção e reprodução capitalista.

É verdade que existe uma dificuldade de revelar e analisar dados das verdadeiras cifras acumuladas pelo narcotráfico, justamente por estar na ilegalidade e, portanto, ocultas. Entretanto, estudos apontam uma relação entre o negócio ilícito das drogas e o crescimento econômico, sobretudo em momentos de crise do capital (Gutiérrez, 2023).

As crises cíclicas do capital fazem parte de seu processo de acumulação, conforme mencionado por Engels, "o ciclo é sempre o mesmo: prosperidade, crise, prosperidade, crise" (Engels, 2010, p.125). Por isso, é essencial para o capital manter uma reserva de trabalhadores disponíveis para atender às suas necessidades conforme o processo produtivo se expande, conforme destacou Marx (2015), "uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação" (p. 858), e portanto, o exército industrial de reserva disponível é parte necessária para a acumulação de capital.

Na periferia do capital, esse exército industrial de reserva, fundamental para as necessidades de valorização do capital, estão muito mais às margens das condições de reprodução social. Relegados à pobreza, são empurrados para as condições mais precarizadas de trabalho. Nesse cenário, o mercado ilegal se apresenta como um possível lugar de venda de força de trabalho para garantia de sobrevivência.

Assim, capitalismo articula o legal e o ilegal para seguir com seu processo de acumulação ampliada e a ideologia proibicionista cria uma dimensão subterrânea de reprodução da dinâmica



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

do capital, operada principalmente pelo sistema financeiro e pelos paraísos fiscais (Oliveira, 2017). Esse terreno oculto da acumulação esconde um aspecto importante que fica às sombras da ilegalidade. Refiro-me a *superexploração*⁴ da força de trabalho no mercado ilegal nos países de capitalismo dependente e periférico e a reprodução social da força de trabalho (Costa e Mendes (2022).

Justamente pela ilegalidade existe uma camada ainda mais profunda e oculta nesta superexploração, o que chamo de *superexploração bélica da força de trabalho* pois, ao passo que o mercado ilegal se utiliza das condições mais velípidas de frações da classe trabalhadora, este maneja essa forma de superexploração por meio da violência e da coerção, colocando em risco à própria vida e forjando uma reprodução social diferenciada a depender da classe, raça/etnia, gênero e território. Essa dinâmica evidencia a simultaneidade entre exploração-opressões, assim como a produção de mercadorias no mercado ilegal e a produção-reprodução social da força de trabalho.

Na dinâmica global da acumulação de capital, a relação entre centro e periferias não corresponde a mundos separados, conforme destacou Oliveira (2017), ingressa apenas de 2% a 4% dos US\$100 bilhões produzidos na venda de cocaína nos EUA, sendo que a maior parte desse faturamento é incorporado na lavagem de dinheiro, enriquecendo os grandes capitalistas dessa cadeia pela transferência de capital do centro para a periferia.

Apesar desses montantes de dinheiro, segundo Gutiérrez (2023), os cultivadores, são os que menos recebem ingresso da economia ilegal, correspondendo apenas 5%, em segundo lugar os processadores intermediários nacionais com 15%, transportadores e traficantes internacionais, 26% e, 54% do valor acumulado nessa economia são absorvidos pelos países consumidores, ou seja, de capitalismo central. Nesse sentido, a superexploração bélica da força de trabalho usurpa os fundos de consumo e o fundo de vida da classe trabalhadora rebaixando e precarizando as condições de sua sobrevivência, que estão completamente associadas às opressões de gênero, raça, etnia, classe e território.

O mercado ilegal na dinâmica da divisão internacional do trabalho beneficiada pelas estruturas sociais de exploração-opressão de cada país nos leva ao questionamento: *quem são as pessoas criminalizadas por cultivar, transportar, vender e consumir drogas no Brasil e na*

⁴ Mauro Marini (1993) compreende que a superexploração da força de trabalho se relaciona com a economia dependente dos países da América Latina na troca desigual que implica compensar a perda de mais-valor. O aumento do mais-valor absoluto em sua forma clássica nos termos marxianos (Marx, 2015) diz respeito ao aumento do tempo de trabalho excedente para as/os trabalhadoras/es, como em qualquer exploração capitalista. Entretanto, o que ocorre na periferia do capital é o prolongamento da jornada e da intensidade do trabalho e a apropriação do fundo de consumo e do fundo de vida da classe trabalhadora (Marini, 1993)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Colômbia? As participantes desta pesquisa na Colômbia revelam concretamente que são as mulheres e famílias *campesinas* o grupo mais criminalizado e estigmatizado pela produção da folha de coca:

Las políticas de Estado que ha venido asumiendo un modelo de la política antidrogas. Y, pues por muchos años criminalizó a los eslabones más débiles de toda la cadena de las drogas. ¿Y, quién es el eslabón más débil? El campesino productor de pasta base de coca, que no es consumidor, que no es consumidor. La productora de pasta base de coca, la mujer campesina. Y.. el otro eslabón frágil es el consumidor y la consumidora. (Yaku de Putumayo)

Já no Brasil, revela-se a criminalização que é reproduzida desde a colonização até os dias atuais, de maneira atualizada e reconfigurada, mantêm as mesmas estruturas de poder nas quais o racismo e o sexismo opera na vida da população negra, que é historicamente alvo das políticas proibicionistas (Saad, 2019).

As mulheres negras e pobres têm sido alvo do Estado e sofrido uma série de violências (Passos, 2023), assim como revelam as participantes brasileiras:

*É, eu acho que a história do Brasil, a formação do Brasil, ela explica bastante do que a gente tem hoje, mas não tudo, né. Eu costumo falar que a escravidão ela reflete muitos nos dias de hoje, mas há o pacto da branquitude, a manutenção dos privilégios, ele reforça estruturas que já poderiam ter sido minimizadas, minimamente alteradas. Então, a gente ainda vive é um **atravessamento do racismo, do sexismo, do colonialismo**, principalmente nesses corpos, nesses grupos porque há um interesse que isso continue se reproduzindo. (Maria Juana)*

A TRS pode iluminar os rincões do mercado ilegal ao compreender que a criminalização não é funcional a dinâmica do capital, ela é parte desta dinâmica. É justamente a forma de ser da ideologia proibicionista que produz o inimigo a ser combatido que oculta os verdadeiros beneficiários da economia ilegal. Autoras(es) já vêm apontando que a guerra às drogas não é uma guerra contra as drogas-mercadorias, mas uma guerra a determinados grupos sociais, sendo a maioria pessoas pobres, negras e marginalizadas (Brites, 2017; Ferrugem, 2018).

Porém, os inimigos dessa guerra se focalizam na população mais marginalizada vinculadas a produção, o tráfico nas periferias e nas favelas e no consumo de pessoas negras e pobres, afastando a discussão pública das estruturas de produção, dos recursos e dos mecanismos de controle do mercado ilegal. Essa dinâmica coloca o campo do ilegal para o subterrâneo, ocultando uma dinâmica perversa e violenta na qual o capitalismo se estrutura e assim, a narcoeconomia não é posta em uma discussão pública, nem mesmo se considera que o setor financeiro da economia, tido como legal está vinculado aos setores ilegais (Oliveira, 2017).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

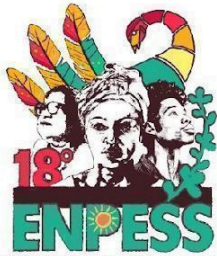
De acordo com Rocha, et. al (2023), “a gênese da opressão das mulheres está situada na relação contraditória entre as formas de reprodução da força de trabalho em *articulação necessária-porém-contraditória* com a produção social capitalista” (p.47). Pois bem, se a mercadoria força de trabalho é essencial para a produção de valor no capitalismo, porque então ele nega as próprias condições de reprodução social dessa força de trabalho? A *relação necessária porém contraditória no mercado ilegal* se expressa no fato de que a dinâmica desse mercado necessita incondicionalmente desta força de trabalho racializada, geneficada e territorializada, mas nega as condições das mesmas por meio da superexploração bélica que é operada pela desumanização, coerção e violência letal e bélica (Passos, 2023). Ao mesmo tempo que acumula capital por meio da ilegalidade e justifica ideologicamente a necessidade de repressão como saída do problema das drogas. Aquilombada pode revelar isso ao trazer sobre a realidade das mulheres negras brasileiras:

*Eu entendo as mulheres negras nesse mundo da ilegalidade, que é da proibição, ocupando **exatamente o mesmo lugar de base da pirâmide social, do mundo da economia legal** né, então as mais violentadas em diversos aspectos, de diversas formas, e talvez a mão de obra, infelizmente mais barata né? **A carne mais barata do mercado é a carne negra, a gente sabe disso.** Não, não como um orgulho, mas conseguindo nomear e entender também o fundo do poço pra onde a gente tá. A gente tá, é também a gente ter dado de realidade pra entender o tamanho do desafio sabe, né no sentido de ficar só num chavão, pra mim acho que quanto mais a gente consegue dissecar e entender todos os atravessamentos, sobre gênero e raça no Brasil e as particularidades no Brasil, é também uma maneira da gente repensar as histórias das mulheres negras, sabe assim, isso tem muita relação com a proibição (Aquilombada).*

É evidente que a ideologia proibicionista ocupa um lugar fundamental na dinâmica de acumulação do capital e nesta camada oculta e profunda se articula o legal e o ilegal pelo capital financeiro. Ao mesmo tempo, que a negação das condições de sobrevivência é parte dessa engrenagem ao submeter a classe trabalhadora as condições do mercado ilegal, tanto no Brasil como na Colômbia:

y que esto es una culpa del país por la falta de empleos que...que ...tenía, cómo se dice, que... hay, que había en el país o que sigue habiendo pues que hasta ahora estamos empezando que estas mujeres se pusieran como mulas a llevar documentos, eh... para otro país. Unas porque tenían a sus papás enfermos, necesitaban operarlos, otras porque sus hijos tenían una enfermedad u otras, porque sus hijas iban a entrar a la Universidad y otras por pagarse la carrera y otras ... (Semente de Tibú).

*Existe uma vinculação imensa da travesti à prostituição e o tráfico de drogas, né? **Porque a gente está falando de***



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

uma sociedade que não emprega a gente, saca? Hoje em dia, com um diploma que eu tenho, eu tenho condições de competir no mercado de trabalho de forma diferente. Mas ninguém contrata para atender um balcão de padaria, pra atender uma farmácia, pra trabalhar de telemarketing, às vezes até contratam assim, mas são empregos, que garante uma existência muito miserável, né? A miséria é impulsionada para a comunidade trans através disso, assim, né? Então, meio que esses fantasmas da prostituição e do tráfico de droga estão presentes na nossa vida e vira e mexe ou uma amiga ou eu, a gente se percebia assim nessa relação (Existência).

Nesse sentido, revela-se que a reprodução da vida (tanto a reprodução da força de trabalho como se manter vivo frente a violência letal) se evidencia como o principal motivo da entrada das mulheres no mercado ilegal.

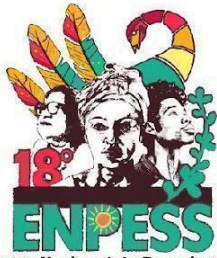
2- “¿Dónde está la salud? ¿Dónde está la carretera, dónde está la electricidad, dónde están las escuelas, dónde están los profesores?”: Reposição geracional, regeneração e manutenção da força de trabalho no mercado ilegal

A unidade doméstica familiar, embora não seja a única, constitui-se como o local privilegiado e predominante de reposição, manutenção e regeneração individual da força de trabalho, seja por sua substituição de trabalhadoras(es), seja pelo trabalho de reprodução social - o trabalho doméstico e de cuidados, nos quais têm sido historicamente relegados às mulheres.

De acordo com Bhattacharya (2019) A reprodução social da força de trabalho se dá por três processos interconectados: 1) Regeneração de trabalhadoras(es) para que retornem ao processo de produção; 2) Manutenção de futuros ou antigos trabalhadoras(es) como crianças e idosas(os) ou pessoas desempregadas, ou seja, pessoas que estão fora do processo de produção e; 3) Produção e substituição de trabalhadores, seja de forma geracional pela gestação, parto e lactação ou por processo migratórios.

O mercado ilegal como parte constituinte da dinâmica do capitalismo e sua reprodução, não está insento dos processos de reprodução social da força de trabalho e mais, ao mesmo tempo, têm sido uma alternativa frente as necessidades de reprodução social da força de trabalho que não são atendidas no mercado dito legal. Isso é revelador de uma perspectiva integral da produção-reprodução, legal-ilegal. E como parte da dinâmica do próprio capital, opera com as mesmas tendências. Em outras palavras: a condição necessária para o funcionamento da produção depende do trabalho reprodutivo.

O que se evidencia na particularidade do mercado ilegal é que a dinâmica do capitalismo dependente também necessita da ilegalidade para seguir impulsionando a produção de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

mais-valor pela superexploração e estabilizando suas crises cíclicas. *Então, o funcionamento do mercado legal depende do mercado legal e esse mercado se sustenta por meio das necessidades de reprodução social da força de trabalho não sanadas.*

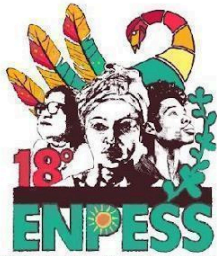
As entrevistas revelam como a reprodução social da força de trabalho pela manutenção e regeneração se impõe como necessidade de se vincular a produção no mercado ilegal:

*Yo tengo dos hijos, esto era aún más complejo porque era con niños pequeños tratando de estar en un proceso, **pero tengo que buscar también para que ellos coman.** Eh.. y eso conjugarlo es muy complejo porque pues hacer 3 cosas sin ninguna condición, entonces era una lucha del día a día por sobrevivir por tratar de buscar de qué uno vivir y también estudiar, entonces ya no eran 3 cosas, 3 dinámicas, sino que se suman cuatro, y para mí al igual de las otras mujeres que estamos en ese proceso es... es mucho, mucho más complejo que para los hombre (chontaduro de Buenaventura)*

A classe trabalhadora se conforma por processos diferenciados de reprodução social, ou seja, a mercadoria força de trabalho “não é produzida à maneira de outras” (Batthacharya, 2023, p. 25). Existem formas particulares de reprodução da força de trabalho a depender da cesta básica, da cultura e das condições socialmente determinadas, como também pela luta de classes (Marx, 2015). Nesse sentido, a TRS amplia o olhar sob a reprodução da força de trabalho para além da unidade doméstica, articulando o comunitário, o público e o social, bem como como os serviços públicos estatais (Voguel, 2022). Os sistemas públicos como educação, saúde, lazer, transporte, moradia, etc. onde “a classe trabalhadora é produzida por meio de processos diferenciados: diferentes frações dessa classe possuem distintos níveis de acesso a aspectos básicos para a produção e reprodução da força de trabalho” (Rocha, et. al., 2023, p. 41).

Segundo Fraser (2023), “uma sociedade que mina sistematicamente a reprodução social pode resistir por muito tempo” (p.46). Entretanto, contraditoriamente, o avanço do capitalismo se constitui justamente por crise de reprodução social, essa compreendida como “uma vertente de uma crise geral que abrange também outras - econômica, ecológica e política, e todas elas se entrecruzam e agravam umas às outras” (Fraser, 2023, p. 46), assim, na fase atual do capitalismo neoliberal, assume-se uma aparência histórica específica.

Embora a reprodução da força de trabalho seja indispensável para o capitalismo, ao negar sua reprodução, subordina as mulheres ao mercado ilegal e essa negação também se expressa, em partes, pelo contornos dados aos Estados na dinâmica globalizada e neoliberal ao promover o desinvestimento estatal e a mercantilização da reprodução social pelas privatizações, relegando sobretudo às mulheres a responsabilidade de sua própria reprodução e de sua família



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

(Fraser, 2023).

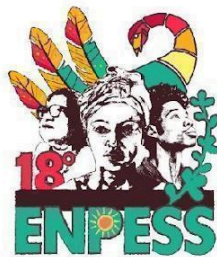
Segundo Duarte (2023), o baixo investimento do poder público e a violência promovida pela penalidade neoliberal cria outras atividades laborais e estratégias de capitalização, o que revela que a crise da reprodução social e seus efeitos retroalimentam a própria dinâmica do mercado ilegal. Esses efeitos associados à globalização neoliberal nos países periféricos e dependentes se articulam com particularidades e dinâmicas nacionais e regionais.

Diante esse cenário, o narcotráfico também opera como um estabilizador das crises cíclicas do capital (Fajardo, 2022) na medida em que mobiliza uma economia bélica e militar, estimulando a compra de armas que ativam a indústria armamentista estadunidense, financiado pelos EUA, como foi o caso do Plano Colômbia implementado na Colômbia (2000-2015) que impulsionou as medidas proibicionistas na América Latina. Por outro lado, a crise beneficiou o mercado ilegal ao passo que aborve força de trabalho precarizada, marginalizada e desprovidas de condições de reprodução social de sua própria existência, transformando o mercado ilegal uma alternativa, sendo essa muitas vezes, a única.

As entrevistadas na Colômbia revelam que devido a falta de reformas estruturais e de investimento estatal em políticas públicas e em infraestrutura, como a construção de vias de acesso para a circulação de outras mercadorias legais, têm fomentado e empurrado a população *campesina*, negra e indígena de territórios mais afastados dos centros urbanos a encontrarem na produção de coca um mercado mais rentável que possibilite a sobrevivência:

Hoy existen cultivos de coca por el abandono estatal. Y es verdad, porque en el momento en que se logren suplir todas las necesidades básicas de sus territorios te aseguro que la gente no vuelve a sembrar coca. Porque es que la coca no está dando para enriquecer a nadie... bueno, a los narcos! (Yaku de Putumayo). eso es lo que genera y el problema no son los cultivos, el problema es la política que gobiernos anteriores han aplicado en contra del campesinado porque en últimas ven al campesinado como si fuera el enemigo y el mayor narcotraficante, pero resulta que el campesinado, si bien siembra la mata de coca o de marihuana o de amapola, porque no es solo coca sino marihuana y amapola en otras regiones del país, pues ¡hombre!, o sea, póngase la mano en el corazón y vean de que, o sea, ¿dónde está la salud? ¿Dónde está la carretera, dónde está la electricidad, dónde están las escuelas, dónde están los profesores? ¿Sí? ¿dónde están las cooperativas y dónde está el impulso de proyectos productivos que permitan a la gente generar redes de alimentación en una región como la del Catatumbo? (Paz de Catatumbo).

Um elemento fundamental que merece atenção que se evidencia na realidade colombiana é o problema estrutural do acesso à terra, gerando ao longo da história vários conflitos agrários e disputas frente às expropriações e concentração. A terra é um bem importante para a reprodução social da vida na particularidade colombiana e as mulheres



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

afrocolombianas, *campesinas* e indígenas entrevistadas nesta pesquisa evidenciaram a importância da terra e do território para a sua própria reprodução social, bem como a reprodução social do coletivo como um todo. Além disso, a terra e o território são conformadores de identidade.

A terra é uma fonte de subsistência diária ao passo em que na Colômbia as mulheres rurais dispõem do cultivo para atender sua necessidade e de suas famílias, garantindo assim, a segurança alimentar, além de promover justiça de gênero, ao passo que o acesso à terra implica uma maior condição de autonomia. Nesse sentido, a preservação da terra e do território também é parte da reprodução social, no qual está vinculado com a condição de sobrevivência da humanidade. Entretanto, na Colômbia revela uma grande concentração de propriedade da terra acompanhado pelos conflitos territoriais com uso da violência e de *desplazamientos forzados*⁵, e as atividades econômicas ligadas à exploração mineira e petrolífera têm impulsionado o fenômeno do desenvolvimento geográfico desigual no qual é retroalimentado pelos cultivos ilícitos nas zonas rurais mais marginalizadas do país (Fajardo, 2022).

Conforme destacou Fajardo (2022), a economia do narcotráfico no país guarda relação com as políticas agrárias. Por isso, a reforma rural frustrada no país está associada a economia ilegal na qual persiste, *“pues realizar la reforma rural significará reversar las condiciones que generaron la vinculación de estos espacios con el narcotráfico”* (Fajardo, 2022b, p. 414). Assim, que o Estado e a burguesia, vinculada às economias ilegais seguem reproduzindo a dinâmica de acumulação assentada na violência, promovendo concentração de terras, desapropriações e *desplazamientos forzados*:

Pero también hay una situación ahí que yo creo que es el eje principal de todo el tema del cultivo con fines de narcotráfico, para la economía del narcotráfico, que es que la mayoría de los territorios donde se cultiva la planta sagrada de coca, los campesinos no son propietarios, no tienen una garantía de propiedad jurídica de su tierra, entonces ellos se sienten que no son dueños de su tierra porque no tienen una escritura (Thesa Nasa)

Mi territorio, nosotros de la mayoría de las comunidades negras, mi gente tiene que salirse, llegar desplazada, llegar sin condiciones de vida, dejar incluso y ¡aun! los que se mantienen en el territorio es complejo incluso hoy tener su

⁵ Utilizaremos o conceito original em espanhol, pois compreendo que a tradução usual de deslocamento não contempla a realidade da complexidade desse conceito. O *desplazamiento forzado* não está datado em apenas um momento da história colombiana, e sim em vários períodos, inicialmente pela concentração de terra e a necessidade de colonizar novas regiões e, posteriormente, pelo conflito armado e consequência da guerra às drogas (Gallego, 2017). Nesse sentido, o *desplazamiento* é resultado de um conjunto de ações mobilizadas por interesses militares e econômicos para exercer controle de territórios, apoiados por grupos de poder e empresas privadas de projetos de grandes escalas para exploração de recursos naturais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

pancoger, cultivar sus propios alimentos, porque efectivamente el tema de la coca se ha impuesto en las comunidades y la gente ya ha dejado de sembrar para poder sembrar coca, porque la coca le garantiza recursos que nuestro pancoger o nuestro propio producto, ¡pues no! (Chontaduro de Buenaventura)

Assim como a reprodução social da força de trabalho não está limitada a unidade doméstica familiar, a partir da TRS podemos compreender também que a reprodução social pela reposição geracional da força de trabalho não está limitada apenas a reprodução biológica - a gestação, o parto e a lactação, mas como ela pode ser compreendida pela determinação de elementos sócio-históricos, como por exemplo, a queda de fecundidade, sobretudo nos momentos de crise do capital, assim como também o fenômeno da migração como um mecanismo de reposição geracional da força de trabalho (Voguel, 2022; Bhattacharya, 2023; Lemos e Roncato, 2023).

A reposição geracional é imprescindível para o capitalismo e nesse sentido, “os fluxos migratórios não se restringem às migrações laborais em seu sentido estrito, compreendendo também refugiados ambientais e de guerra, entre outras formas de deslocamentos, quase sempre resultantes da crise do capital em seu sentido amplo” (Lemos, Roncato, 2023, p. 230).

A crise da reprodução social que impacta diretamente a reprodução da vida da classe trabalhadora devido ao enxugamento dos serviços públicos do Estado também têm um impacto direto nas taxas de fecundidade. Como o capitalismo não pode abrir mão do reabastecimento da força de trabalho para promover a exploração, a migração vem operando como uma saída para a crise do capital frente a necessidade dessa reposição geracional, empregando essa força de trabalho a baixo custo.

Os processos de reprodução diferenciada por meio da racialização, territorialização e generificação se objetivam em diversos tipos de trabalhadoras(es), sendo o trabalho migrante desumanizado e precarizado que atua no rebaixamento do preço da força de trabalho como um todo. No mercado ilegal podemos evidenciar essa mesma dinâmica quando Vento de Justiça nos conta sobre o perfil das mulheres migrantes presas por tráfico internacional de drogas no Brasil:

Mas o principal aqui é pensar no perfil das mulheres migrantes, então, elas são mulheres mais velhas, em comparação com as mulheres brasileiras, em conflito com a lei, é, pode, né, tem um grau de escolaridade também um pouco maior do que as mulheres brasileiras, mas vem de contextos em seus territórios, né, é, porque inclusive também são primárias, em sua maioria, e vem em contextos dos seus territórios de conflito ou de vulnerabilidade ou de perda de emprego, são mães, é, são mães solo, são as únicas responsáveis pelo lar, né, economicamente, afetivamente, socialmente, enfim... (Vento de Justiça).

Com relação ao trabalho reprodutivo, é importante mencionar que a necessidade do



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

trabalho doméstico - remunerado ou não remunerado para a reprodução da força de trabalho é imprescindível. Trabalhos como cozinhar, limpar, atividades de assistência, etc. realizada pelas mulheres é a base que sustenta a acumulação capitalista, mas, ao mesmo tempo, são os trabalhos mais precarizados, generificados e racializados e, por isso, desumanizados.

De acordo Batthacharya (2023), a divisão social do trabalho não é apenas um fenômeno cultural, mas é uma expressão da lógica desumanizante da acumulação capitalista assentada nas relações de opressão e exploração que operam como um mecanismo de fragmentação da classe trabalhadora⁶. Portanto, os processos de reprodução social diferenciados por meio da racialização, generificação e territorialização se objetivam em diferentes tipos de força de trabalho, completamente necessários para a reprodução ampliada do capital.

No mercado ilegal, as mulheres revelam o quanto a produção e a reprodução são inseparáveis, rompendo com a fronteira invisível que as separa. Evidencia-se que, na atualidade estudos vêm demonstrando (Astroz, Díaz, Díaz, 2017) que em algumas regiões da Colômbia as mulheres vem exercendo vários tipos de trabalho na cadeia do mercado ilegal, mas elas seguem se mantendo majoritariamente no trabalho reprodutivo. Entretanto, isso não significa uma maior autonomia econômica, pelo contrário, esse trabalho é que têm permitido a reprodução social de suas vidas, de seus filhas(os) e família, ainda que de maneira precarizada. Além disso, elas são as que têm sofrido os maiores impactos dentro da economia cocaleira, pois justamente por serem as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo, sofrem impactos diferentes dos homens nesta mesma economia (Astroz, Díaz, Díaz, 2017). Esses aspectos se evidenciam nas entrevistas realizadas com as participantes, onde revelam que as mulheres estão trabalhando majoritariamente nas cozinhas, mas também, exercendo outras atividades na cadeia da produção ilegal

Después cuando llegue el Guaviare, pues el papá de mi hijo tenía sus cultivos de coca. Muy esporádicamente le ayudé a fumigar, cocinar, fue la ama de casa, cocinar, o sea la comida para los obreros y estaré pendiente de ellos y ese era mi labor en la casa, la cocinera, la chachita. Había un muchacho que era el que se encargaba de procesar todo. (Heliconia de Guaviare).

*Muchas mujeres sí. Claro, en cambio, una una mujer que le pagaban, por ejemplo, al mes 300.000 (trescientos mil) pesos, 300.000 pesos los ganaban por ahí en dos o tres días. Entonces **habían mujeres que preferían, me dice del rayo de sol o al agua y dedicarse a esos temas así y esto, bueno, a los arrieros, los canoeros, donde había que manejar canoa. Bueno, así es, es un círculo siempre grande, digamos, de personas que se ocupan de este tema en las regiones (Esperança de Meta).***

⁶ Importante evidenciar que a base material da opressão das mulheres no mercado ilegal não está assentada na divisão sexual e racial do trabalho, mas nessa relação necessária-porém-contraditória entre a reprodução da força de trabalho e acumulação capitalista. Isso não significa que a posição social diferencial das mulheres no mercado ilegal não seja opressora, pelo contrário, é evidenciar como a exploração e as opressões compõe uma unidade (Rocha, et. al (2023).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

No Brasil, são as mulheres em sua maioria negras, que ocupam majoritariamente lugares subalternizados na cadeia do tráfico de drogas enquanto estratégia de sobrevivência, desempenhando atividades que, embora precárias, tornam-se "atrativas" justamente por seu caráter informal, permitindo a manutenção do espaço doméstico e o cuidado com os filhas(os), já que a maioria são mães solo. Por isso, na realidade brasileira a participação das mulheres têm sido majoritariamente nas atividades relacionadas ao comércio, ou seja, o microtráfico o que, inclusive, é o principal motivo de encarceramento feminino (INFOPEN MULHERES, 2018).

Segundo (Helpes, 2015), a maioria das mulheres encarceradas por tráfico de drogas eram responsáveis financeiramente por sua família, sendo elas mães solo e as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo. Helpes (2015) também aponta que as principais atividades dessas mulheres antes do encarceramento eram exercidas no setor de serviços, atuando, sobretudo, como empregadas domésticas/faxineiras, o que evidencia uma profunda relação com a dinâmica capitalista e o mercado ilegal. Isso vem de encontro com o que Vento de Justiça aponta sobre o contexto das mulheres para ingressar no mercado ilegal como transportadoras de drogas:

Dentro desse contexto de vulnerabilidade, podem ser convencidas ou oferecidas por pessoas próximas, né, a exercer esse trabalho de transporte, né? Então algumas delas tem, de fato, ciência, a partir desse contexto de vulnerabilidade, a partir dessa necessidade que elas estão vivenciando, que não é momentânea, é algo estrutural, né, é, elas, então, acabam aceitando o transporte sobre drogas, fazer o transporte de drogas. (Vento de Justiça)

As mulheres que exercem a atividade de "mulas" são em sua maioria negras, e não correspondem ao transporte do grande narcotráfico, mas sim, as atividades ligadas ao pequeno varejo. Muitas delas ainda são colocadas em situações de mulas-iscas, contratadas até mesmo sem saberem, justamente para serem presas.

Importante dizer que esse lugar que as mulheres ocupam nas cadeias do tráfico as coloca em condições ainda mais expostas à criminalização e ao encarceramento e, por outro lado, o mercado ilegal têm sido portanto, uma alternativa de sobrevivência, voltada à reprodução social da vida e de sua família, uma vez que as mulheres referem que o dinheiro vindo do mercado de drogas, em sua maioria, é voltado para melhorar suas condições de moradia e promover bem estar econômico e material para seus filhos.

Conclusões



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A partir da Teoria da Reprodução Social (TRS), observa-se que o capitalismo transcende o sistema econômico, incorporando a economia como uma relação social que envolve dominação e coerção, apesar das tentativas de ocultar essa dinâmica através de formas jurídicas e instituições políticas (Bhattacharya, 2023). A expansão capitalista, associada ao narcotráfico, impõe condições severas à classe trabalhadora, dificultando formas alternativas de vida e promovendo a expropriação de terras como mecanismo de desenvolvimento. Assim, a economia ilegal se torna uma alternativa de sobrevivência, transformando formas de organização e reprodução da vida em trabalho assalariado superexplorado.

Segundo Vogel (2022), a perda de formas autônomas de sobrevivência, como cultivar alimentos ou morar perto do trabalho, resulta em menos tempo e energia para o trabalho remunerado, evidenciando a crescente dependência do mercado e do Estado para a reprodução social. O mercado ilegal, particularmente em tempos de crise do capital, oferece salários abaixo do custo de sobrevivência, afetando desproporcionalmente mulheres racializadas como não brancas no Brasil e na Colômbia, e aumentando o encarceramento feminino.

As mulheres, que conectam produção e reprodução social, enfrentam as piores consequências da guerra às drogas, ocupando posições subalternas no tráfico como estratégia de sobrevivência. A ideologia proibicionista, ao direcionar políticas de guerra às drogas, tem impactos diferenciados sobre mulheres negras, indígenas e *campesinas*, conforme sua inserção na divisão internacional do trabalho no mercado ilegal, tanto no Brasil quanto na Colômbia.

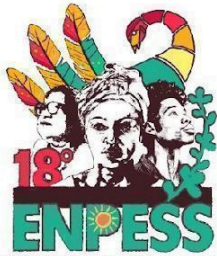
Referências

ASTROZ, Irina Cuesta; DÍAZ, Génica Mazzoldi, DÍAZ, Aura María Durán. Mujeres y la economía cocalera en el Putumayo: roles, prácticas y riesgos. Informe 28. Fundación Ideas para la Paz: Bogotá, 2017. Disponível em <<https://storage.ideaspaz.org/documents/5a21a1163faf3.pdf>> Acesso em 11 de jul de 2024.

BHATTACHARYA, Tithi. **Como não passar por cima da classe** In: Teoria da Reprodução Social: remapeamento de classe, recentralização da opressão / Tithi Bhattacharya ; tradução Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023.

_____. **O que é a teoria da reprodução social?** Artigo originalmente publicado em 10 set. 2013 no periódico Socialist Worker. Tradução de Maíra Mee Silva e revisão técnica de Mariana Luppi, 2019. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf>. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

BRITES, Cristina. Psicoativos (drogas) e serviço social: uma crítica ao proibicionismo. São Paulo: Cortez, 2017.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

COSTA, P. H. A. DA .; MENDES, K. T.. “Negro: de bom escravo a traficante”. Contribuições de Clóvis Moura à crítica da Guerra às Drogas no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 37, n. 2, p. 511–530, maio 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/qS545VxdWgG8r8nDZLnDsnn/#>. Acesso em 4 jun. de 2024

DUARTE, Joana Flores. A rota do fim do mundo: mercado global de drogas e organizações criminosas na Amazônia. . *Revista de Políticas Públicas*, v. 27, n. 1, p. 47–63, 17 Dez 2023 Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/21830>. Acesso em: 4 jun 2024.

ENGELS, Friedrich, 1820-1895. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra; tradução B.A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2010.

FAJARDO, Dario. Políticas agrarias y sus relaciones con el narcotráfico In: 60 años bajo el signo de la prohibición: balances críticos de la política de drogas e iniciativas de cambio/ Óscar A. Alfonso R., Héctor Santaella Quintero (orgs.). Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2022, p. 379-419.

FRASER, Nancy. Crise do cuidado? Sobre as contradições sociorreprodutivas do capitalismo contemporâneo In: Teoria da reprodução social: remapeamento da classe, recentralização da opressão/ Tithi Bhattacharya; tradução Juliana Penna - São Paulo: Elefante, 2023, p. 45-68.

FERRUGEM, Daniela. Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, PUC-RS, 120f., 2018.

GALLEGO, Carlos Medina. Máfia, narcotráfico y bandas criminales en Colombia: Elementos para un estudio comparado con el caso de México. Bogotá: Universidad Nacional, 2017.

GUTIÉRREZ, Luis Fernando Vélez. Historia y camino hacia la regularización de drogas ilícitas. Bogotá: Tirant Humanidades, 2023.

HELPE, S. S. **Para além do desemprego: participação feminina no tráfico de drogas enquanto alternativa de aumento da renda familiar.** In: Mulheres e Criminalidade/ Organização Paulo Cesar Pontes Fraga. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, p. 111- 143.

INFOPEN MULHERES. Levantamento Nacional de informações penitenciárias - 2^a ed./ organização, Thandara Santos; colaboração, Marlene Inês da Rosa...[et al.] - Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2018. Disponível em< https://conectas.org/wp-content/uploads/2018/05/infopenmulheres_arte_07-03-18-1.pdf> Acesso em 23 de abr. de 2024.

LE MOS, Patrícia Rocha; RONCATO ,Mariana Shinohara M. Gênero, raça e migrações internacionais: um debate marxista. *Germinal: marxismo e educação em debate, [S. l.]*, v. 15, n. 3, p. 225–239, 2023. DOI: 10.9771/gmed.v15i3.57527. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/57527>. Acesso em: 19 ago.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

2024.

MARX, K.. O Capital – Crítica da economia política: livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Trad. Marcelo Carcanholo, Universidade Federal de Uberlândia — MG. Post-scriptum traduzido por Carlos Eduardo Martins, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Editora Era, México, 1990, 1º edição, 1973). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marini/1973/mes/dialetica.htm>>. Acesso em julho de 2023.

OLIVEIRA, Dennis. Drogas, Opressão Social e Racismo In: Drogas & sociedade contemporânea: perspectivas para além do proibicionismo / Organizadores Regina Figueiredo; Marisa Feffermann, Rubens Adorno. São Paulo : Instituto de Saúde, 2017, p. 107- 117.

PASSOS, Rachel Gouveia. “Na mira do fuzil”: a saúde mental das mulheres negras em questão. 1ª ed.- São Paulo: Hucitec, 2023.

ROCHA, Camila C., Benitez, C., Saraiva, C., Azevedo, G., Moraes, L. d., Roncato, M. S., . . . Ruas, R. **Apresentação das tradutoras**. 2022. In: Marxismo e a opressão das mulheres: rumo a uma teoria unitária/Lise Vogel; tradução da Equipe da Equipe de Tradução do Grupo de Estudo sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS).

SAAD, Luísa Gonçalves. “Fumo de negro”: a criminalização da maconha no pós-abolição. Salvador : EDUFBA, 1º reimpressão, 2019.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres, rumo a uma teoria unitária**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.